

IMERSÃO NA PÉRSIA MILENAR

Sonia Bonzi*

Outubro de 2007

Com um grupo de amigos, fizemos uma viagem de dois dias e tivemos a satisfação de conhecer lugares notáveis.

Nossa primeira parada foi em Kashan, a cidade das rosas, na região central do Irã. Escavações recentes confirmam que a colonização teve início há mais de oito mil anos. Caminhamos por um sítio arqueológico, onde esqueletos e potes de cerâmica estão expostos à visitação pública.

Diz a lenda que Kashan foi fundada por Zobeida, mulher do conhecido califa das *Mil e Uma Noites*. Apesar de ter sofrido inúmeras invasões e muitos terremotos, algumas relíquias antigas e muitas construções ainda estão lá para serem vistas.

A partir do século XII, Kashan tornou-se importante entreposto comercial, conhecida por seus tecidos e cerâmicas. No começo do século XIX, riquíssimos mercadores de tapetes construíram residências pomposas, que hoje são atração turística. As casas, escondidas atrás de muros altos, têm paredes decoradas em altos-relevos esculpidos em pedra, janelas com vitrais coloridos, pilastras revestidas com pequenos espelhos, torres de ventilação, jardins e lagos.

Ainda em Kashan visitamos os célebres jardins Fin, que traduzem a visão persa do paraíso, com fontes naturais, canteiros de rosas irrigados, pomares, casa de chá e casa de banhos, hoje em desuso.

Como estamos em pleno Ramadan, época em que só se pode comer antes do nascer do sol ou depois que ele se põe, a agência turística, que organizou nossa viagem, conseguiu que um restaurante muito simples nos servisse o almoço enquanto a luz do sol ainda brilhava.

Uma estrada de terra arenosa corta o deserto. Por ela, seguimos até um lago salgado, que nesta época do ano não tem água. Sobre uma espessa camada de sal se pode caminhar. Preparei-me para ver o pôr-do-sol mais esplendoroso, mas o astro rei se escondeu entre as nuvens e não fez muito estardalhaço. A lua cheia, em compensação, mereceu aplausos. Foi aparecendo devagarinho — imensa bola de fogo. Deitados sobre um cobertor, subimos aos céus à busca das constelações. Não estão aqui Cruzeiro do Sul ou as Três Marias. Brilha com força a estrela Polar.

Eram onze horas da noite quando chegamos a Abianeh, cidade fundada pelos zoroastrianos, antes ainda de Cristo. A cama do hotel era o sonho de nossos corpos cansados.

Logo cedo, pela manhã, saímos a pé para conhecer a cidade, que fica meio incrustada nas montanhas. As construções são de terracota — cor de ferrugem. Portas, janelas e varandas são, artisticamente, entalhadas em madeira. As mulheres usam saias longas e rodadas e os véus são cheios de cores e flores. Os jumentos transportam as mercadorias e sobem pelas ruelas puxados por seus donos. Os muros das casas, também de adobe — terra e capim —, têm o poder de levar os pensamentos para épocas remotas, bíblicas... Um resto de templo zoroastriano, num morro mais alto dos arredores, já não tem a chama do fogo que ali queimou em nome do Deus uno, do início do monoteísmo.

Pelas ruas, mulheres velhas e desdentadas vendem frutas desidratadas pelo sol e pela poeira. Não quis comê-las. Refugiadas afegãs são oferecidas em casamento, pelos irmãos, para os homens velhos. A busca da sobrevivência da espécie. Com eles, elas têm filhos, perdem o viço, os dentes... Por trás das marcas da vida difícil ainda têm uma beleza escondida. São sorridentes e gentis. Uma nos convidou para ver sua casa. Convivência harmoniosa entre bichos e gentes. Quartos e salas entreligados, divisórias de tecidos, chão forrado de tapetes, feitos pelas mulheres da família. Despensa com frutas, nozes e óleos. A menina de uns três anos tinha em cada pé uma sandália velha de modelo diferente. A mocinha de uns dezessete anos já empunhava uma barriga debaixo do xador.

A pobreza rural é a mesma mundo a fora. Só não entendo é como as pessoas ainda conseguem achar graça no viver. São calmas, ficam esperando o tempo passar, não demonstram ansiedades.

A volta a Teerã foi animada. Músicas variadas no ar: persas, americanas, brasileiras e angolanas... Palmas acompanhando o ritmo. Vez ou outra uma seleção dos anos sessenta. Quando tocava "Those were the days...", todos sabiam a letra e cantavam. Os cabelos grisalhos voltaram à cor da mocidade.

Sonia Bonzi é embaixatriz do Brasil no Irã